

ESTRUTURAS RELATIVAS, INTERROGATIVAS E NEGATIVAS: UMA
ANÁLISE DO DOMÍNIO DE CP NA LÍNGUA FALADA PELOS ORO
WARAM E ORO WARAM XIJEIN (FAMÍLIA TXAPAKURA)

*RELATIVE, INTERROGATIVE AND NEGATIVE CLAUSES: AN ANALYSIS OF THE CP
DOMAIN IN THE LANGUAGE OF THE ORO WARAM AND ORO WARAM XIJEIN
PEOPLES (TXAPAKURA FAMILY)*

RESUMO: Neste trabalho são analisadas orações relativas, interrogativas e negativas na língua dos Oro Waram e Oro Waram Xijein (família Txapakura), a partir de sentenças elicitadas e narrativas orais transcritas. Propomos que é possível uma análise unificada dessas estruturas, pois elas possuem propriedades gramaticais análogas, a saber: (i) a realização do complementizador *ka* e (ii) o mesmo comportamento gramatical na codificação de seus argumentos nucleares. Seguindo os pressupostos da teoria gerativa, assumimos que *ka* é a realização fonológica do núcleo de CP nessas estruturas, o que contrasta com as declarativas afirmativas em que C° não é preenchido. Para dar conta dessas derivações, assumimos, a partir principalmente de Kayne (1994) e Bianchi (1999), que nas orações relativas o CP é projetado como complemento de D°, sendo C° instanciado por *ka*, ao passo que seu especificador recebe o argumento modificado pela relativa. Nas sentenças interrogativas, por sua vez, o mesmo processo derivacional se estabelece, exceto pelo fato de que o elemento movido para Spec-CP é aquele sobre o qual recai a interrogação. Por fim, nas estruturas completivas e negativas, em que *ka* também é a lexicalização de C°, não há movimento de argumentos para Spec-CP. Em todas essas construções, o mesmo tratamento gramatical é dado aos argumentos do predicado nucleado por *ka*, a depender de sua posição sintática em Spec-CP ou no domínio de IP.

PALAVRAS-CHAVE: Txapakura; teoria gerativa; relativas; interrogativas; negativas.

ABSTRACT: The focus of this paper are relative, interrogative and negative clauses of the language of the Oro Waram and Oro Waram Xijein peoples (Txapakura family). The analysis is based on elicited sentences and transcribed oral narratives. We propose that a unified analysis of these structures is possible, since they have analogous grammatical properties: (i) the realization of the *ka* complementizer, and (ii) the same grammatical behavior in the codification of their arguments. Based on the generative framework, we assume that *ka* is the phonological realization of the CP head in these structures in contrast with affirmative sentences in which C° is empty. Based on Kayne (1994) and Bianchi (1999), we assume that in relative clauses the CP is projected as complement of D°, C° is instantiated by *ka*, and the modified argument by the relative goes to the specifier of CP. In interrogative sentences, the same derivational process is established, except for the fact that the element moved to Spec-CP is the interrogative one. Finally, in completive and negative structures, *ka* lexicalizes C°, as arguments do not move to Spec-CP. Thus, in all these constructions, we propose the same analysis for predicates headed by *ka*, depending on its syntactic position, either in Spec-CP or in the IP domain.

KEYWORDS: Txapakura, generative theory, relatives, interrogatives, negatives.

1. Introdução

Este trabalho tem por objetivo descrever e propor uma análise teórica unificada para as estruturas relativas (2), interrogativas (3) e negativas (4) na língua dos Oro Waram e Oro Waram Xijein (família Txapakura), uma vez que essas sentenças apresentam propriedades gramaticais análogas, tais como: (i) o preenchimento do núcleo de CP pelo mesma partícula, *ka*, e (ii) o mesmo comportamento gramatical na codificação de seus argumentos nucleares. Conforme exemplos¹ abaixo, assumimos que a partícula *ka*, ao instanciar C°, denota mudanças significativas no sistema de concordância da língua.

- (1) hrik **ʔnaʔ** koko
 ʔna-ʔ
ver 1SG-3N cesto.N
“Eu vi o cesto.”
- (2) hrik naʔ koko **ka** araʔ **taʔ**
 na-ʔ
ver 3SG-3N cesto.N C fazer 1SG
“Ele viu o cesto que eu fiz.”
- (3) maʔ krawaʔ **ka** kaw **taʔ**
INT coisa C comer 1SG
“O que eu comi?”
- (4) ʔom **ka** hrik **tam** narimaʔ
 taʔ-am
NEG C ver 1SG-3SG.F mulher.F
“Eu não vi a mulher.”

Em comparação com sentenças afirmativas, como em (1), deve-se destacar que a derivação das sentenças em (2), (3) e (4) implica, além da introdução da partícula *ka*, em uma mudança no padrão de codificação dos argumentos verbais na função sintática de sujeito. Por essa razão, há um paradigma de concordância de sujeito para sentenças não marcadas e outro paradigma de concordância para estruturas relativas, interrogativas e negativas, que tratamos como estruturas marcadas.

Deve-se destacar de início que o Oro Waram e o Oro Waram Xijein pertencem ao grupo conhecido na literatura como Wari’ ou Pakaa Nova, o qual ainda inclui os Cao Oro Waje, Oro

¹ Glosas utilizadas: 1: primeira pessoa; 2: segunda pessoa; 3: terceira pessoa; C: complementizador; CONF: aspecto confirmativo; DEM: demonstrativo; EXCL: exclusivo; F: feminino; GEN: genitivo; INCL: inclusivo; INTS: aspecto intensivo; INT: pronome interrogativo; M: masculino; N: neutro; NEG: negação; OBL: oblíquo; PERF: aspecto perfectivo; PL: plural; PROIB: proibitivo; RETR: aspecto nominal retrospectivo; SG: singular; PREC: aspecto precipitativo.

Mon, Oro Nao', Oro At, Oro Jowin e Oro Eo. Esses oito povos originários residem no estado de Rondônia, em Terras Indígenas localizadas no município de Guajará-Mirim e Nova Mamoré. Falam línguas pertencentes à família linguística Txapakura. Os materiais utilizados neste trabalho fazem parte principalmente da pesquisa de doutorado de BBBB (2015), os quais correspondem a sentenças elicitadas, dados orais de experiências de vida e narrativas orais da variante Oro Waram da Terra Indígena Igarapé Lage. A eles, foram adicionados novos exemplos obtidos mais recentemente em trabalhos de campo realizados com falantes da variante Oro Waram Xijein residentes principalmente da Terra Indígena Sagarana.

Este artigo está organizado em outras quatro seções, além desta introdução. Na seção 2, apresentamos algumas informações mais gerais da língua, principalmente de seus aspectos tipológicos e de algumas propriedades dos predicados verbais e nominais, uma vez que essas informações são necessárias para uma melhor compreensão dos dados que serão discutidos no artigo. Na seção 3, descrevemos as estruturas relativas, interrogativas e negativas, a fim de fundamentar nossa proposta de que essas construções compartilham entre si algumas propriedades gramaticais que são codificadas no domínio de CP. Na seção 4, propomos uma análise teórica unificada para essas construções, uma vez que são nucleadas pela partícula *ka* e apresentam o mesmo comportamento na codificação de seus argumentos nucleares. Por fim, encerramos o trabalho com as considerações finais.

2. Aspectos tipológicos das línguas da família Txapakura

Nesta seção, apresentaremos alguns aspectos gramaticais, que são essenciais para a compreensão da análise que será proposta neste artigo. Pelo fato de analisarmos as construções negativas e interrogativas como estruturas relativas em Oro Waram e Oro Waram Xijein, é imprescindível que se compreenda as propriedades gramaticais que definem predicados nominais e predicados verbais nessa língua.

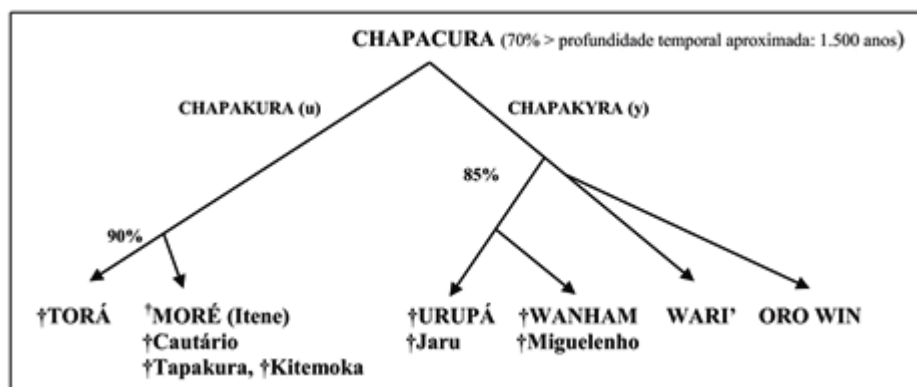
Deve-se considerar que a investigação aqui desenvolvida teve como ponto de partida os trabalhos de descrição das línguas da família linguística Txapakura, como podem ser vistos em Meireles (1996), Everett e Kern (1997), Angenot-de-Lima (2001), Ramirez (2010), BBBB (2014, 2015), BBBB e AAAA (2016), AAAA & BBBB (2018), entre outros. Do ponto de vista teórico, além de considerar alguns trabalhos tipológicos, como Shopen (1992), Comrie (1989), Whaley (1997), Givón (2001), Payne (2001) e Creissels (2006), a pesquisa aqui desenvolvida fundamentou-se essencialmente na proposta teórica de Kayne (1994) e Bianchi (1999, 2000) para as estruturas relativas.

2.1. Família linguística Txapakura

A família linguística Txapakura é pequena e ainda não está agrupada em nenhum tronco linguístico. Os estudos sobre essa família linguística foram sistematizados principalmente por pesquisadores da Universidade Federal de Rondônia, no *Campus* de Guajará-Mirim. A partir principalmente da coleta de dados sobre os registros históricos de missionários, viajantes e pesquisadores, Angenot-de-Lima (2001) apresenta 27 etnônimos para a família Chapakura, embora 11 deles sejam apenas notas etnográficas: Jamari, Tapoaya, Kutiana, Matáwa, Urunamakam, Kujuna, Muré, Itoreahip, Rokorona, Herisobokono e Kusikia-Manasi. Os outros 16 possuem registro vocabular: Torá, Urupá, Jarú, Oro Win, Kuyubi (kaw tayo), Kumana, Uomo, Pawumwa, Abitana, Kabishi, Miguelenho, Moré, Chapakura (Tapakura), Kitemoka, Napeka e Oro Wari. Entre os provavelmente extintos, por fim, estão quase todos da lista, com as seguintes ressalvas: Kuyubi (?), Oro Win, Moré, Wari' (com oito etnias).

Ramirez (2010, p. 187) estabelece, por meio do método léxico-estatístico, uma proposta para o agrupamento das línguas² Chapakura, considerando que vários dos registros étnicos são, para o autor, etnônimos sinônimos, tais como Torá, Moré e Itene, que seriam co-dialetos. Os Abitana, Pawumwa, Miguelenho, Uomo e Kabishi, para o autor, são Wanyam. Os Cautário, Cujubim, Rokorono, Matawá, Kumaná, Itene e Herisobocono são Moré. Assim, a lista diminuiu consideravelmente e o autor esboçou a seguinte classificação:

Figura 1 - Classificação da família linguística Txapakura



Fonte: Ramirez (2010, p. 187)

Como dissemos, o Oro Waram e o Oro Waram Xijein pertencem ao grupo conhecido na literatura como Wari' ou Pakaa Nova. Apresentamos no quadro abaixo os oito subgrupos Wari':

² Tomamos essa classificação de Ramirez, mas há outras classificações das línguas que integram essa família linguística conforme se pode observar no resumo feito por Meireles (1996).

Quadro 1 - Grupo Wari'

Norte	Sul
Oro Mon	Oro Nao'
Oro Waram	Oro Eo
Oro Waram Xijein	Oro At
Cao Oro Waje	Oro Jowin

Fonte: BBBB (2015, p. 7)

Na próxima subseção, serão discutidas as propriedades gramaticais dos predicados verbais.

2.2. A estrutura do sintagma verbal

Em relação à tipologia da língua, ela não possui uma característica rígida em um padrão morfológico, mas situa-se em um *continuum* entre um estágio semi-isolante ou entre aglutinante-isolante, por isso é caracterizada como analítica. Nos predicados verbais, possui características tipicamente isolantes e nos sintagmas nominais exibe características variando entre formas isolantes e aglutinantes.

Por ser majoritariamente isolante/analítica, as informações gramaticais do domínio verbal são expressas por meio de formas livres. Dessa maneira, o complexo verbal, entre colchetes no exemplo (5), o qual em muitas línguas flexionais corresponderia a uma única palavra, é organizado por meio de uma sequência rígida de palavras lexicais e gramaticais, e não com afixos ou formas presas.

- (5) [ora? pan ?an pe pin naŋ] kom arawet
na-ŋ
PREC cair perder estar.SG PERF 3SG-3N água.N menino.M
“O menino já derramou (pingando) a água.” (BBBB, 2015, p. 158)

Pode-se notar que cada uma das palavras na sentença em (5) é invariável e que, a princípio, não exibe nenhum tipo de flexão ou morfologia, o que mostra que essa língua se aproxima muito do que a tipologia linguística classifica como língua isolante/analítica. Contudo, é possível afirmar que essa língua não é inteiramente isolante. Note que o marcador de concordância em (5), *naŋ*, é uma forma composta pelo morfema livre *na*, que codifica os traços de terceira pessoa singular do sujeito, e o morfema preso {-ŋ}, que carrega os traços de terceira pessoa de gênero neutro do objeto. Assim, pode-se afirmar que os marcadores de concordância podem ser realizados como formas morfológicas aglutinantes, uma vez que, em

construções transitivas, estão fundidos os traços gramaticais de pessoa e número do sujeito, por um lado, e de pessoa, número e gênero do objeto, por outro.

De acordo com AAAA e BBBB (2018, p. 20), “deve-se destacar ainda que [...] a ordem das palavras em Oro Wari’ é significativamente rígida, não se permitindo nenhum tipo de alteração na ordem das palavras, exceto os argumentos na função sintática de sujeito e objeto, que podem, em alguns contextos, ser intercambiáveis.” Devido a isso, a língua exibe uma estrutura sintática rígida, definida em (6).

- (6) Interrogativo # Negação # Modalidade # Aspecto # Causativo # Verbo Lexical # Aplicativo # Modalidade # Aspecto # Tempo # Marcador de concordância #
(leia-se # como fronteira de palavra)

Embora possa emergir um conjunto significativo de partículas no domínio verbal, como pode ser visto em (6) , apenas os marcadores de pessoa, que se referem ao sujeito e ao objeto de verbos transitivos, por exemplo, são obrigatórios, conforme exemplos abaixo:

- (7) a. hrik non
na-on
correr 3SG-3SG.M
“Ele(a) o viu.”
- b. hrik nam
na-am
correr 3SG-3SG.F
“Ele(a) a viu.”

Nesta língua, a ordem básica dos constituintes oracionais é VOS, como pode ser visto em (8). Curiosamente, a posição rígida dos marcadores de concordância é {S-O}, logo é a imagem especular dos argumentos nucleares. Assim, em termos lineares, emerge à esquerda o codificador dos traços de pessoa e número do sujeito, *na*, e à direita o codificador do objeto, {-*n*}, em termos de pessoa, número e gênero.

- (8) to? tapa? pin na? kawira? narima?
na-n
quebrar PERF 3SG-3N cuia.N mulher.F
“A mulher quebrou a cuia.”

Pode haver, no entanto, mudança na ordem básica dos constituintes, como em (9), sem que esta modificação sintática resulte em estruturas ambíguas. Isso só é possível porque a língua

dispõe de um rico sistema de concordância verbal que codifica os traços de pessoa e número do sujeito e os traços de pessoa, número e gênero do objeto.

- (9) hrik pin non narima? trama?
na-on
ver PERF 3SG-3SG.M mulher.F homem.M
“A mulher viu o homem.”

Como se pode notar nos exemplos acima, as funções sintáticas de sujeito e objeto não são codificadas por meio de morfologias nominais de caso, por exemplo, mas sim por meio de seu rico sistema de concordância verbal, o qual apresenta, para as construções declarativas afirmativas, os paradigmas de concordância do Quadro 2.

Quadro 2 - Concordância verbal em estruturas declarativas afirmativas

Pronomes	Sujeito	Objeto
1SG	?na	pa?
2SG	ma?	-em pym
3SG.M	na	-on
3SG.F		-am
3N		-n
1PL.INCL 1PL.EXCL	ji jyt	pri? pryt
2PL	he?	pahy?
3PL.M	nana	-on
3PL.F		-am

Fonte: Elaboração própria

Para fins ilustrativos, apresentamos a seguir exemplos de verbos intransitivos e transitivos, com o intuito de demonstrar o uso dos dois paradigmas do Quadro 2. Começamos com um predicado intransitivo, em que o marcador de concordância codifica os traços de pessoa e número de seu sujeito:

- (10) a. mo ?na
correr 1SG
“Eu corri.”
- b. mo ma?
correr 2PL
“Você correu.”
- c. mo na trama?
correr 3SG homem.M
“O homem correu.”
- d. mo na narima?
correr 3SG mulher.F
“A mulher correu.”

e. mo ʃi
correr 1PL.INCL
“Nós correremos.”

f. mo ʃyt
correr 1PL.EXCL
“Nós correremos.”

g. mo heʔ
correr 2PL
“Vocês correram.”

h. mo nana
correr 3PL
“Eles (as) correram.”

Pode-se afirmar, a partir dos exemplos acima, que o predicado verbal intransitivo utiliza o paradigma de concordância com seu sujeito apresentado no Quadro 2, cujos marcadores variam tendo em vista os traços gramaticais de pessoa e número. A 3ª pessoa, em especial, utiliza a estratégia morfológica de reduplicação para codificar um argumento com o traço de plural.

Por sua vez, apresentamos abaixo os paradigmas de concordância em contexto de verbo transitivo, destacando os marcadores referentes ao sujeito em (11) e os morfemas de concordância do objeto sintático em (12). Para simplificar a apresentação, serão omitidos os sintagmas nominais aos quais os marcadores de concordância fazem referência.

(11) a. hrik ʔnon
 ʔna-on
ver 1SG-3SG.M
“Eu o vi.”

(12) a. hrik na paʔ
ver 3SG 1SG
“Ele(a) me viu.”

b. hrik mon
 maʔ-on
ver 2SG-3SG.M
“Você o viu.”

b. hrik nem
 na-em
ver 3SG-2SG
“Ele(a) te viu.”

c. hrik non
 na-on
ver 3SG-3SG.M
“Ele(a) o viu.”

c. hrik non / nam / naŋ
 na-on / -am / -ŋ
ver 3SG-3SG.M / -3SG.F / -3N
“Ele(a) viu ele / ela / ele(neutro).”

d. hrik ʃyn
 ʃi-on
ver 1PL.INCL-3SG.M
“Nós o vimos.”

d. hrik na pryt
ver 3SG 1PL.INCL
“Ele(a) nos viu.”

e. hrik hyn
 heʔ-on
ver 2PL-3SG.M
“Vocês o viram.”

e. hrik na pahyʔ
ver 3SG 2PL
“Ele(a) vos viu.”

Como se pode constatar nos exemplos acima, o verbo transitivo concorda com seu sujeito e com seu objeto. No caso específico da 3ª pessoa, o traço gramatical de gênero também

é codificado quando se trata do objeto sintático. Assim, há um único marcador de terceira pessoa, {*na-*}, para o argumento na função sintática de sujeito. No entanto, quando o marcador refere-se ao objeto sintático, há três formas morfológicas, a saber: {-*on*} para masculino, {-*am*} para feminino e {-*n*} para neutro. Em termos morfológicos, pode-se afirmar ainda que os marcadores de sujeito podem se realizar de forma sincrética ou cindida, a depender das restrições morfológicas que não são objeto de estudo neste artigo.

Devemos concluir esta seção afirmando que os paradigmas aqui apresentados referem-se aos contextos sintáticos de declarativas afirmativas. Como veremos na seção 3, as estruturas interrogativas, as sentenças declarativas negativas e as orações relativas utilizam ainda outros paradigmas para se referirem aos seus argumentos³. Na próxima subseção, discutimos os sintagmas nominais e as estratégias morfossintáticas para codificação de seus argumentos.

2.3. A estrutura do sintagma nominal

Os sintagmas nominais na língua dos Oro Waram e Oro Waram Xijein, no que dizem respeito a sua estrutura argumental, classificam-se em: (i) obrigatoriamente possuídos; (ii); opcionalmente possuíveis e, por fim, (iii) obrigatoriamente não possuídos. Em termos gramaticais, são duas as estratégias para codificar os argumentos na função de possuidor. Na primeira, um sufixo de concordância nominal se realiza afixado à base {*ne-*}, resultando nas formas plenas apresentadas no Quadro 3 abaixo. Na segunda, os sufixos realizam-se junto ao sintagma nominal possuído, apresentando as formas presas listadas abaixo.

Quadro 3 – Marcadores possessivos

Pronomes	Forma plena	Formas presas		
1SG	neʔ	-aʔ	-eʔ	-yʔ
2SG	nem	-am	-em	-ym
3SG.M	nekyn	-kon	-kyn	-kyn
3SG.F	nekem	-kam	-kem	-kam
3N	neɲ	-ɲ	-ɲ	-ɲ
1PL.INCL	neʃi	-aʃi	-e-ʃi	-i-ʃi
1PL.EXCL	neʃyt	-ʃyt	-ʃyt	-ʃyt
2PL	nehyʔ	heʔ	hyʔ	heʔ
3PL.M	nekykyn	kokon	kykyn	kykyn
3PL.F	nekekem	kakam	kekem	kakam

Fonte: BBBB (2015, p. 101)

³ Há ainda outras estruturas sintáticas que implicam na mudança dos paradigmas de concordância verbal. Como não é o objetivo deste trabalho, direcionamos o leitor principalmente aos trabalhos de BBBB (2015) e AAAA e BBBB (2018).

Os sintagmas nominais obrigatoriamente possuídos incluem nomes que indicam relações de parentesco, partes do corpo de pessoas e animais e objetos que culturalmente são sempre vistos como posse de alguém ou de alguma coisa. Apresentamos, a seguir, exemplos com o paradigma das formas presas em suas três variações alomórficas.

(13) a. wina? wina-a? cabeça-1SG “Minha cabeça”	(14) a. ʔyre? ʔyre-e? nariz-1SG “Meu nariz”	(15) a. trajy? traji-y? orelha-1SG “Minha orelha”
b. winam wina-am cabeça-2SG “Tua cabeça”	b. ʔyrem ʔyre-em nariz-2SG “Teu nariz”	b. trajym traji-ym orelha-2SG “Tua orelha”
c. winakon wina-kon cabeça-3SG.M “A cabeça dele”	c. ʔyrekyn ʔyre-kyn nariz-3SG.M “O nariz dele”	c. trajikyn traji-kyn nariz-3SG.M “A orelha dele”
d. winakam wina-kam cabeça-3SG.F “A cabeça dela”	d. ʔyrekem ʔyre-kem nariz-3SG.F “O nariz dela”	d. trajikam traji-kam nariz-3SG.F “A orelha dela”
e. winaŋ wina-ŋ cabeça-3N “A cabeça dele(N)”	e. ʔyreŋ ʔyre-ŋ nariz-3N “O nariz dele(N)”	e. trajiŋ traji-ŋ nariz-3N “A orelha dele(N)”
f. winaʃi wina-ʃi cabeça-1PL.INCL “Nossa cabeça”	f. ʔyreʃi ʔyre-ʃi nariz-1PL.INCL “Nosso nariz”	f. trajiʃi traji-ʃi nariz-1PL.INCL “Nossa orelha”
g. winaʃyt wina-ʃyt cabeça-1PL.EXCL “Nossa cabeça”	g. ʔyreʃyt ʔyre-ʃyt nariz-1PL.EXCL “Nosso nariz”	g. trajiʃyt traji-ʃyt nariz-1PL.EXCL “Nossa orelha”
h. winahe? wina-he? cabeça-2PL “Tua cabeça”	h. ʔyrehe? ʔyre-he? nariz-2PL “Vosso nariz”	h. trajihe? traji-he? nariz-2PL “Vossa orelha”
i. winakokon cabeça-3PL.M “A cabeça deles”	i. ʔyrekokon nariz-3PL.M “O nariz deles”	i. trajikykn nariz-3PL.M “A orelha deles”

j. winakakam
wina-kam~kam
cabeça-3PL.F
“A cabeça delas”

j. ?yrekakam
?yre-kam~kam
nariz-3PL.F
“O nariz delas”

j. trajikakam
traji-kam~kam
nariz-3PL.F
“A orelha delas”

Pode-se notar nos exemplos acima que o possuidor é assinalado por meio das formas presas flexionadas no sintagma nominal ao qual se refere. A evidência de que esses nomes são obrigatoriamente possuídos decorre do fato de não ser possível sua realização sem nenhuma marca de posse ou por meio da posse realizada com a base {*ne*}.

Os sintagmas nominais opcionalmente possuíveis, por sua vez, compreendem nomes que podem se realizar de forma plena ou com algum possuidor. Nos exemplos em (a) abaixo, mostramos esses nomes sem um possuidor e, nos demais exemplos, há a realização do possuidor como forma plena em (b) e forma presa em (c).

(16) a. hrik ?naŋ **trim**
 ?na-ŋ
ver 1SG-3N casa
“Eu vi uma casa”

b. hrik ?naŋ **trim** **nehy?**
 ?na-ŋ ne-hy?
ver 1SG-3N casa GEN-2PL
“Eu vi a vossa casa”

c. hrik ?naŋ **fryhy?**
 ?na-ŋ trim-hy?
ver 1SG-3N casa-2PL
“Eu vi a vossa casa”

(17) a. pan maw ?naŋ **makan**
 INTR ?na-ŋ
cair 1SG-3N terra
“Eu caí no chão”

b. maki? ?naŋ **makan** **nem**
 ?na-ŋ ne-em
chegar 1SG-3N terra GEN-2SG
“Eu cheguei na tua terra”

c. maki? ?naŋ **makram**
 ?na-ŋ makra-am
chegar 1SG-3N terra-2SG
“Eu cheguei na tua terra”

Os sintagmas nominais não possuíveis, por fim, compreendem nomes que denotam, por exemplo, alguns elementos da natureza ou sobrenaturais, tais como: *fina?* “sol”, *panawo?* “lua”, *fowi?* “chuva”, *naharak* “floresta”, *kom* “rio”, *kopakaw* “onça”, *hop* “jacaré”, *iri yam* “espírito verdadeiro” etc. Nesses nomes não se realizam estruturas morfológicas ou sintáticas de posse, uma vez que na cultura são elementos que não podem ser possuídos.

Antes de concluirmos esta subseção, vale destacar que a relação de posse indicada pelas formas plenas parece ser a mais produtiva na língua, uma vez que a forma dependente está restrita a um conjunto de sintagmas nominais. Não nos aprofundaremos nessas questões por não ser o escopo deste artigo. Contudo, direcionamos os leitores ao trabalho de BBBB (2015), inclusive para mais esclarecimentos a respeito dos processos morfofonológicos envolvidos na alomorfa das formas presas, além do papel gramatical da alienabilidade.

Tivemos por objetivo apresentar as principais propriedades gramaticais dos sintagmas verbais e nominais, principalmente seus paradigmas flexionais de concordância, com o intuito de oferecer aos leitores subsídios da gramática da língua para que possam compreender melhor os fenômenos gramaticais aqui investigados. Na próxima seção, descreveremos e analisaremos, portanto, as construções que são o foco deste trabalho.

3. Estruturas relativas, interrogativas e negativas

Nesta seção, o objetivo é descrever e analisar as propriedades morfológicas e sintáticas das construções relativas, interrogativas e negativas na língua dos Oro Waram e Oro Waram Xijein. Em termos descritivos, essas três estruturas compartilham ao menos duas propriedades gramaticais análogas, que não estão presentes nas sentenças declarativas afirmativas, a saber: (i) há ocorrência da partícula *ka*, que a nosso ver é a realização, em termos teóricos, do núcleo de CP; e (ii) há uma mudança no sistema de codificação dos argumentos dos predicados verbais. No Quadro 4, apresentamos esse novo paradigma junto aos demais paradigmas discutidos na seção anterior.

Quadro 4 – Paradigmas de concordância

Pronomes	Paradigma 1 Sujeito de predicado não marcado	Paradigma 2 Sujeito de predicado marcado	Paradigma 3 Objeto	Paradigma 4 Possuidor
1SG	ʔna	taʔ	paʔ	-aʔ ~ -eʔ ~ -yʔ
2SG	maʔ	maʔ	-em pym	-am ~ -em ~ -ym
3SG.M	na	kaʔ	-on	-kon ~ -kyn

3SG.F		kama?	-am	-kam ~ -kem
3N		ne	-n	-n
1PL	ʃi ʃyt	ri ryt	pri? pryt	-ʃi -ʃyt
2PL	he?	hyt	pahy?	-he? ~ -hy?
3PL.M	nana	kaka?	-on	-kon ~ -kyn
3PL.F		kakama?	-am	-kam ~ -kem

Fonte: Elaboração própria

Como vimos na seção anterior, os predicados verbais, quando se constituem como estruturas declarativas afirmativas - estrutura não marcada, fazem uso do primeiro paradigma apresentado no Quadro 4. No entanto, como veremos nas próximas subseções, quando as sentenças configuram-se como orações relativas, interrogativas e negativas, o segundo paradigma passa também a ser acionado para se referir ao seu sujeito sintático. Deve-se destacar que, em todas as construções, não foram constatadas mudanças no paradigma verbal que codifica os traços de pessoa, número e gênero do objeto.

A descrição dessas estruturas nos servirão como subsídio empírico para propor que as mudanças que ocorrem no paradigma de concordância verbal com o sujeito, em comparação com as estruturas declarativas afirmativas, é o resultado da mudança do estatuto sintático das sentenças, que é engatilhado pelas propriedades da partícula *ka* que instancia o núcleo de CP. Diante dessas considerações iniciais, analisemos, então, as estruturas relativas.

3.1 Estruturas relativas

As orações relativas constituem-se como um fenômeno linguístico altamente produtivo na língua dos Oro Waram e Oro Waram Xijein. Em termos sintáticos, caracterizam-se por desempenhar, de modo geral, a função de modificador de um sintagma nominal, embora possam também exercer funções sintáticas nucleares. Diante disso, já se pode destacar de início que essas construções apresentam um padrão polissêmico no que diz respeito à distinção entre orações relativas (18) e completivas (19).

(18) hrik ʔna-n **mijak** [ka trajy? ʃo na]
ver 1SG-3N queixada.N C ouvir INTS 3SG
“Eu vi a queixada que ouve bem”

(19) tati ʔna-n [ka trajy? ʃo ne **mijak]**
saber 1SG-3N C ouvir INTS 3N queixada.N
“Eu sei que a queixada ouve bem”

Pode-se afirmar que, em (18), o complementizador *ka* forma uma oração relativa que modifica o sintagma nominal *mijak* “queixada”, enquanto, no exemplo (19), exerce a função de complementizador de uma oração completiva – na função sintática de objeto do predicado principal. Nesse sentido, assumimos no presente artigo que as relativas servem como nominalizadores ou completivas.

Antes de iniciarmos a apresentação das estratégias de codificação dos argumentos dos predicados envolvidos na relativização, destacamos que o núcleo das relativas, C°, deve ser obrigatoriamente preenchido. Há pelo menos dois marcadores relativos, a saber: *ka*, cuja função é nuclear uma oração relativa que modifica um sintagma nominal de gênero neutro (cf. 18) ou uma estrutura completiva e nominalizada (cf. 19); e *ko*, que, no contexto de orações relativas, modifica um sintagma nominal de gênero masculino (cf. 20) ou feminino (cf. 21).

(20) hrik ʔnon **kopakaw** [**ko** paʔ pin naŋ min]
 ʔna-on
 1SG-3SG.M onça.M C matar PERF 3SG-3N anta.N
 “Eu vi a onça que matou a anta”

(21) hrik ʔnam **narimaʔ** [**ko** araʔ naŋ koko]
 ʔna-am
 1SG-3SG.F mulher.F C fazer 3SG-3N cesto.N
 “Eu vi a mulher que fez o cesto”

No que diz respeito às estratégias de codificação dos argumentos nucleares, as construções relativas, em suas várias funções polissêmicas, utilizam os quatro paradigmas de concordância apresentados no Quadro 4. Em termos descritivos, veremos que o paradigma 2 se realiza no contexto em que o sujeito da predicação relativizada, em destaque, permanece interno na estrutura, conforme exemplos abaixo:

(22) a. hrik naŋ kawiraʔ [**ka** totapaʔ **ta**]
 na-ŋ
 3SG-3N cuia.N C quebrar 1SG
 “Ele viu a cuia que eu quebrei”

b. hrik naŋ kawiraʔ [**ka** totapaʔ **maŋ**]
 na-ŋ
 3SG-3N cuia.N C quebrar 2SG
 “Ele viu a cuia que você quebrou”

c. hrik naŋ kawiraʔ [**ka** totapaʔ **kaʔ** **tramaʔ**]
 na-ŋ
 3SG-3N cuia.N C quebrar 3SG.M homem.M
 “Ele viu a cuia que o homem quebrou”

d.	hrik	naŋ na-ŋ	kawira?	[ka	totapa?	kama kama?	narima?
	ver	3SG-3N	cuia.N	C	quebrar	3SG.F	mulher.F
			“Ele viu a cuia que a mulher quebrou”				
e.	hrik	naŋ na-ŋ	kawira?	[ka	totapa?	ne ne	mijak]
	ver	3SG-3N	cuia.N	C	quebrar	3N	queixada.N
			“Ele viu a cuia que a queixada quebrou”				

Devido à limitação de espaço deste artigo, apresentamos acima apenas exemplos em que o sujeito do predicado relativizado encontra-se no singular. No entanto, é suficiente para demonstrar que o paradigma 2 é o expediente sintático engatilhado nessas construções. Nos exemplos abaixo, também de orações relativas, emerge, por sua vez, o paradigma 1 para codificar o sujeito da predicação relativizada, uma vez que se refere ao sintagma nominal modificado por ela.

(23) a.	hrik	?non ?na-on	trama?	[ko	totapa?	pin	naŋ na-ŋ	kawira?]
	ver	1SG-3SG.M	homem.M	C	quebrar	PERF	3SG-3N	cuia.N
			“Eu vi o homem que quebrou a cuia”					
b.	hrik	?nam ?na-am	narima?	[ko	totapa?	pin	naŋ na-ŋ	kawira?]
	ver	1SG-3SG.F	mulher.F	C	quebrar	PERF	3SG-3N	cuia.N
			“Eu vi a mulher que quebrou a cuia”					
c.	hrik	?naŋ ?na-ŋ	mijak	[ka	totapa?	pin	naŋ na-ŋ	kawira?]
	ver	1SG-3N	queixada.N	C	quebrar	PERF	3SG-3N	cuia.N
			“Eu vi a queixada que quebrou a cuia”					

Deve-se notar, a partir dos exemplos acima, que o sintagma nominal que é modificado pela oração relativa é o argumento externo do verbo da predicação encaixada. Em contextos como esse, emerge o paradigma 1. Dessa maneira, a língua utiliza ao menos dois paradigmas de concordância com seu sujeito, a depender de sua posição sintática. Quanto ao objeto, parece ser o paradigma 3 a única estratégia gramatical para codificá-lo nos contextos de oração relativa de sujeito (cf. 24), ao passo que não se estabelece concordância com esse objeto em contexto de oração relativa de objeto (cf. 25).

(24) a. maki? na narima? [ko hrik na pa?]
 chegar 3SG mulher.F C ver 3SG 1SG
 “Chegou a mulher que me viu”

b. maki? na narima? [ko hrik nem]
 chegar 3SG mulher.F C ver 3SG-2SG
 “Chegou a mulher que te viu”

(25) a. maki? na trama? [ko hrik ta?]
 chegar 3SG homem.M C ver 1SG
 “Chegou o homem que eu vi”

b. maki? na narima? [ko hrik ta?]
 chegar 3SG mulher.F C ver 1SG
 “Chegou a mulher que eu vi”

Nas construções completivas, por sua vez, o mesmo comportamento dos marcadores de concordância podem ser observados, conforme exemplos abaixo:

(26) a. tati ?na-n [ka trajy? fo ka? trama?]
 saber 1SG-3N C ouvir INTS 3SG.M homem.M
 “Eu sei que o homem ouve bem”

b. tati ?na-n [ka trajy? fo kama? narima?]
 saber 1SG-3N C ouvir INTS 3SG.F mulher.N
 “Eu sei que a mulher ouve bem”

c. tati ?na-n [ka trajy? fo ne mijak]
 saber 1SG-3N C ouvir INTS 3N queixada.N
 “Eu sei que a queixada ouve bem”

Pode-se notar nos exemplos acima que a estrutura relativa funciona como uma oração completiva, que não envolve em movimento de argumento para uma posição sintática fora da predicação relativa. Diante disso, realiza-se o paradigma 2 para se referir ao seu sujeito, uma vez que esse argumento encontra-se no interior da estrutura relativizada.

Por fim, o paradigma 4, que está disponível nas construções que denotam um possuidor, também pode ocorrer nas estruturas completivas, conforme exemplos abaixo:

(27) a. pi? pin na [ka kaw ne?]
 terminar PERF 3SG C comer GEN-1SG
 “Minha comida acabou”

- | | | | | | | | |
|----|------------------------|-----|----------|-----|-------|---------------|--|
| b. | piʔ | pin | na | [ka | kaw | nem] | |
| | | | | | | ne-em | |
| | terminar | | PERF 3SG | C | comer | GEN-2SG | |
| | “A sua comida acabou” | | | | | | |
| | | | | | | | |
| c. | piʔ | pin | na | [ka | kaw | nekyn] | |
| | | | | | | ne-kyn | |
| | terminar | | PERF 3SG | C | comer | GEN-3SG.M | |
| | “A comida dele acabou” | | | | | | |
| | | | | | | | |
| d. | piʔ | pin | na | ka | kaw | nekem] | |
| | | | | | | ne-kem | |
| | terminar | | PERF 3SG | C | comer | GEN-3SG.F | |
| | “A comida dela acabou” | | | | | | |
| | | | | | | | |
| e. | piʔ | pin | na | [ka | kaw | nep] | |
| | | | | | | ne-ɲ | |
| | terminar | | PERF 3SG | C | comer | GEN-3N | |
| | “A comida dele acabou” | | | | | | |

Nos exemplos acima, nota-se que emerge o paradigma 4 que denota o possuidor da entidade denotada pela estrutura relativa. Nesse sentido, esses dados linguísticos aproximam tais construções dos demais sintagmas nominais simples da língua, o que exemplifica nossa afirmação inicial de que as estruturas relativas na língua dos Oro Waram e Oro Waram Xijein cobrem também as funções de nominalizadores. Por fim, para concluir esta subseção, apresentamos de forma contrastiva os três exemplos abaixo que correspondem a estruturas relativas com as funções discutidas nessa seção.

- | | | | | | | | | |
|---------|-----------------------------------|-----------|--|-----|-------|---------------|--|-----------|
| (28) a. | hrik | ʔnaɲ | | [ka | kaw | nekyn] | | arawet] |
| | | ʔna-ɲ | | | | ne-kyn | | |
| | ver | 1SG-3N | | C | comer | GEN-3SG.M | | criança.M |
| | “Eu vi a comida do menino” | | | | | | | |
| | | | | | | | | |
| b. | hrik | ʔnaɲ | | [ka | kaw | maɲ] | | tamatan] |
| | | ʔna-ɲ | | | | maʔ-ɲ | | |
| | ver | 1SG-3N | | C | comer | 2SG-3N | | batata.N |
| | “Eu vi que você comeu batata” | | | | | | | |
| | | | | | | | | |
| c. | hrik | ʔnam | | [ko | kaw | naɲ] | | tamatan] |
| | | ʔna-am | | | | na-ɲ | | |
| | ver | 1SG-3SG.F | | C | comer | 3SG-3N | | batata.N |
| | “Eu vi o menino que comeu batata” | | | | | | | |

Após a descrição das estruturas relativas, passaremos a investigar na próxima subseção as estruturas interrogativas, que também utilizam as partículas complementizadoras *ka* e *ko*.

Lugar
 (31) a. **ma?** trim **ka** hrik mam ʔna?
 ma? ma?-am ʔna-a?
 INT casa C ver 2SG-3SG.F mãe-1SG
 “Em qual casa você viu minha mãe?”

Alvo
 b. **ma?** trim **ka** maw ta? ka? ate?
 ma? ate-e?
 INT casa C ir FUT 3SG pai-1SG
 “Para qual casa seu pai foi?”

Fonte
 c. **ma?** trim **ka** maki? kama? ʔna?
 ma? ʔna-a?
 INT casa C voltar 3SG mãe-1SG
 “De qual casa sua mãe veio?”

Tempo
 d. **ma?** xek **ka** hrik mon
 ma? ma?-on
 INT dia C ver 2SG-3SG.M
 “Que dia você o viu?”

A respeito dos exemplos acima, pode-se afirmar que não há a realização de sintagmas nominais sobre os quais recai a interrogação, possivelmente pelo fato de que não se interroga nesses predicados elementos de natureza nominal, mas sim de natureza adverbial. Adicionalmente, parece haver uma flexão no pronome interrogativo, {-ɲ}, que aparentemente denota o traço [neutro].

Para além das propriedades gramaticais marcadas no pronome interrogativo e no complementizador, interessa-nos neste trabalho as formas pronominais do predicado verbal, as quais referenciam os argumentos nucleares. Para isso, inicialmente apresentamos abaixo o paradigma de concordância verbal em contextos de interrogação de objeto de verbos transitivos.

(32) a. **ma?** krawa? **ka** kaw ta?
 INT coisa C comer 1SG
 O que eu comi?

b. **ma?** krawa? **ka** kaw ma?
 INT coisa C comer 2SG
 O que você comeu?

c. **ma?** krawa? **ka** kaw kama?
 INT coisa C comer 3SG.F
 “O que ela (mulher) comeu?”

verbal *hrik* “ver” realiza o marcador *na*, que indica concordância com seu sujeito, independentemente de ser do gênero masculino, feminino ou neutro. Os objetos, por sua vez, permanecem sendo referenciados por meio dos marcadores do paradigma 3.

Pode-se concluir nesta subseção afirmando que os sujeitos de transitivo apresentam dois comportamentos a depender de sua posição sintática nas estruturas interrogativas, a saber: (i) quando são o elemento interrogado e estão deslocados para o início da sentença, acionam os marcadores do paradigma 1; e (ii) quando não são o elemento interrogado e permanecem no interior da estrutura relativa, são referenciados no predicado encaixado por meio dos marcadores do paradigma 2. Por fim, os objetos de verbos transitivos são referenciados pelos marcadores de concordância do paradigma 3 nos contextos em que não é interrogado.

3.3. Paradigmas de concordância de sentenças negativas

Nesta subseção, mostramos que as estruturas negativas, em comparação com as sentenças declarativas afirmativas, apresentam também uma mudança no paradigma dos marcadores do sujeito. Ao passo que nas sentenças afirmativas emergem os marcadores do paradigma 1, as estruturas negativas utilizam os marcadores do paradigma 2, conforme exemplos abaixo:

Concordância com sujeito de 1ª pessoa do singular

(34) a. *hrik* ?na -on trama?
 ver 1SG-3SG.M homem.M
 ‘Eu vi o homem.’
 b. ?om ka *hrik* ton trama?
 ta?-on
 NEG C *ver* 1SG-3SG.M homem.M
 ‘Eu não vi o homem.’

(35) a. *hrik* ?nam -am narima?
 ver 1SG-3SG.F mulher.F
 ‘Eu vi a mulher.’
 b. ?om ka *hrik* tam narima?
 ta?-am
 NEG C *ver* 1SG-3SG.F mulher.F
 ‘Eu não vi a mulher.’

(36) a. *hrik* ?na - η mijak
 ver 1SG-3N queixada.N
 ‘Eu vi a queixada.’
 b. ?om ka *hrik* ta - η mijak
 ta?- η
 NEG C *ver* 1SG-3N queixada.N
 ‘Eu não vi a queixada.’

Concordância com sujeito de 2ª pessoa do singular

(37) a. *hrik* mon trama?
 ma?-on
 ver 2SG-3SG.M homem.M
 ‘Você viu o homem.’
 b. ?om ka *hrik* mon trama?
 ma?-on
 NEG C *ver* 2SG-3SG.M homem.M
 ‘Você não viu o homem.’

- (38) a. hrik mam narima?
maʔ-am
ver 2SG-3SG.F mulher.F
'Você viu a mulher.'
- b. **ʔom ka** hrik mam narima?
maʔ-am
NEG C ver 2SG-3SG.F mulher.F
'Você não viu a mulher.'
- (39) a. hrik maŋ mijak
maʔ-ŋ
ver 2SG-3N queixada.N
'Você viu a queixada.'
- b. **ʔom ka** hrik maŋ mijak
maʔ-ŋ
NEG C ver 2SG-3N queixada.N
'Você não viu a queixada.'

Concordância com sujeito de 3ª pessoa do singular

- (40) a. trajyʔ ʃo na trama?
escutar INTS 3SG homem.M
"O homem escuta bem."
- b. **ʔom ka** trajyʔ ʃo ka trama?
NEG C escutar INTS 3SG.M homem.M
"O homem não escuta bem."
- (41) a. trajyʔ ʃo na narima?
escutar INTS 3SG mulher.F
"A mulher escuta bem."
- b. **ʔom ka** trajyʔ ʃo kamaʔ narima
NEG C escutar INTS 3SG.F mulher.F
"A mulher não escuta bem."
- (42) a. trajyʔ ʃo na mijak
escutar INTS 3SG queixada.N
"A queixada escuta bem."
- b. **ʔom ka** trajyʔ ʃo ne mijak
NEG C escutar INTS 3N queixada.N
"A queixada não escuta bem."

Como podemos verificar nos exemplos acima, a partícula de negação *ʔom* surge nas sentenças negativas acompanhada do complementizador *ka* em todos os contextos. Veja, porém, que nas sentenças negativas, diferentemente das estruturas discutidas nas subseções anteriores, não foram encontrados exemplos com a forma *ko*.

Note que o elemento em comum nas construções relativas, interrogativas e negativas é a partícula *ka*. De acordo com os preceitos da teoria gerativa, nossa hipótese é que essa partícula é a realização do núcleo do sintagma complementizador, pois o CP é o domínio funcional da sentença que abriga as propriedades gramaticais que denotam relativas, interrogativas e negativas na língua dos Oro Waram e Oro Waram Xijein. Esse fato sustentará, na seção seguinte, nossa análise teórica que pretende dar um tratamento uniforme para essas construções.

4. Análise teórica

Como foi discutido nas seções anteriores, o que nos chama atenção nas construções analisadas neste texto é, por um lado, a presença do complementizador *ka*, tanto em orações relativas, como nas sentenças interrogativas e negativas, e, por outro, o comportamento gramatical na codificação dos argumentos nucleares dessas estruturas. Vejamos novamente, portanto, as três construções fundamentais para a análise que iremos desenvolver nesta seção:

Oração Relativa

- (43) hrik ?na_n kawira? [ka totapa? kama? narima?]
?na-_n
ver 1SG-3N cuia.N C quebrar 3SG.F mulher.F
“Eu vi a cuia que a mulher quebrou”

Interrogativa (sujeito interrogado)

- (44) ma? krawa? ka to tapa? nap kawira?
na-_n
INT coisa C destruir 3SG-3N cuia.N
“O que destruiu a cuia?”

Negativa

- (45) ?om ka hrik ton trama?
ta?-on
NEG C ver 1SG-3SG.M homem.M
“Eu não vi o homem”

De modo geral, as orações relativas podem ser descritas como estruturas que modificam uma expressão nominal. Assim, no exemplo (43), pode-se afirmar que o sintagma nominal *kawira?* “cuia” é modificado pela oração relativa: *ka totapa? kama? narima?* “que a mulher quebrou”.

Em termos teóricos, de acordo com Chomsky (1977), as estruturas relativas, que são essencialmente orações que modificam uma expressão nominal qualquer, constituem-se como CPs que se adjungem a DPs, à sua direita. Esses DPs, modificados pelas orações relativas, são gerados na posição de base do predicado principal, conforme exemplo em (46a), cuja representação apresentamos em (46b).

Movimento *Qu-*

- (46) a. O aluno_k [que_k a Ana pensa [t_k ser travesso]]
b. [DP [DP_i ...] [CP Relativo *Qu*_i [IP ... t_i...]]]

Como se pode notar em (46b), nesses CPs, haveria um pronome relativo (*Qu-*) gerado em uma posição argumental no IP, que se moveria para o especificador do CP. Esse pronome relativo, que também poderia ser um operador nulo (cf. CHOMSKY, 1995), é indexado ao DP modificado pela oração relativa por meio da regra de predicção ou relação de concordância no componente lógico da linguagem (LF). Um dos grandes problemas dessa análise, no entanto, é o fato de o nome relativizado ser gerado fora da estrutura relativizada, o que tornou esse recurso pós-sintático um tema de grande debate na literatura a respeito das relativas. Essa proposta de Chomsky (1977) ficou conhecida como *movimento-Qu* (*wh-movement*).

Kayne (1994) apresenta uma nova proposta teórica para tratar o fenômeno da relativização nas línguas. Segundo o autor, relativas são complementos de D° e, em seu modelo, haveria apenas uma expressão nominal que é deslocada de uma posição interna do IP da própria oração relativa para a posição de especificador de CP. A esse modelo, exemplificado em (47a) e representado em (47b), convencionou-se chamar de *alçamento* (*raising*).

Alçamento

- (47) a. O [aluno_k que [a Ana pensa [t_k ser travesso]]
b. [DP D [CP DP_k [C [IP ...t_k...]]]

Diferentemente de Chomsky (1981, 1995), que propõe uma ordenação linear flexível entre os núcleos e os complementos de uma sentença, Kayne (1994) propõe um mapeamento rígido, através do seu *Axioma de Correspondência Linear*, segundo o qual há, na *Gramática Universal* (GU), uma rigidez em relação à ordem linear e às relações hierárquicas estabelecidas entre os constituintes das sentenças. Segundo esse modelo, à direita de um elemento há apenas complementos. Assim, não é possível que haja adjunção à direita, como propõe o modelo de *movimento-Qu*, pois, para que os nós terminais sejam gerados dessa maneira, há violação de comando assimétrico o que não possibilitaria a devida linearização da estrutura e, conseqüentemente, a sentença não seria licenciada pela GU.

Neste artigo, embora não tenhamos como objetivo apresentar evidências empíricas para a realização desse núcleo D°, assumimos a proposta de Kayne (1994) por ser satisfatória para os dados da língua dos Oro Waram e Oro Waram Xijein. Diante disso, sentenças como em (43), que exemplificam as estruturas relativas, ilustram o contexto no qual o elemento *ka* em Oro Waram e Oro Waram Xijein é um complementizador que lexicaliza o núcleo CP, que é selecionado pelo D° externo. De forma análoga, apesar de as construções interrogativas e negativas, como em (44) e (45), não envolverem a projeção de CP como complemento de D°, o núcleo de CP também é instanciado por *ka*, o que permite propor um tratamento uniforme a essas três estruturas sintáticas.

Seguindo a proposta de Kayne (1994), assumimos, para as estruturas relativas, que o nome relativizado é gerado dentro da oração relativa e se move para a posição de especificador do CP. Dessa forma, a expressão relativizada permanece no mesmo domínio da oração relativa, como na representação a seguir:

(48) a. hrik ʔnaɲ kawiraʔ [**ka** totapaʔ kamaʔ narimaʔ]
 ʔna-ɲ
 ver 1SG-3N cuia.N C quebrar 3SG.F mulher.F
 “Eu vi a cuia que a mulher quebrou”

b. hrik naɲ [D° [CP kawiraʔi [C° ka [IP totapaʔ kamaʔ ti narimaʔ]]]]

Nessa representação, temos uma sentença relativa de objeto, em que o objeto *kawiraʔ* “cuia” se move de dentro do domínio do IP para o CP e o sujeito da relativa *tramaʔ* “homem” permanece *in-situ*. Nessa construção, o paradigma do sujeito que é acionado é o paradigma 2, uma vez que o sujeito permanece no interior da sentença relativa.

As relativas de sujeito, no entanto, comportam-se de maneira distinta quanto à codificação de seus argumentos nucleares, como discutimos anteriormente e, para elas, propomos a derivação abaixo:

(49) a. hrik ʔnon tramaʔ [**ko** totapaʔ **naɲ** kawiraʔ]
 ʔna-on
 ver 1SG-3SG.M homem.M C quebrar 3SG-3N cuia.N
 “Eu vi o homem que quebrou a cuia”

b. hrik ʔnon [D° [CP tramaʔi [C ko [IP totapaʔ naɲ kawiraʔ ti]]]]

Nota-se que a representação em (49b) é análoga a de (48b). O que as difere, contudo, é que em (49) o marcador de concordância verbal de sujeito na oração relativa segue o paradigma 1, uma vez que o sujeito desta oração, ao ser deslocado para a posição de Spec-CP, realiza um movimento intermediário, possivelmente em Spec-IP, onde fica disponível para a concordância por meio do paradigma 1. Ademais, ao ocupar a posição de Spec-CP, estabelece também concordância de gênero com o complementizador, que passa a *ko*.

Além dessas duas relativas, a língua apresenta sentenças completivas que atuam como argumentos de outros predicados verbais. Nesses casos, o verbo da predicação principal seleciona, por exemplo, como complemento um CP, cujo núcleo é lexicalizado por *ka*, como na representação a seguir:

(50) a. hrik ʔnaɲ [**ka** kaw **maɲ** tamatan]
 ʔna-ɲ
 ver 1SG-3N C comer 2SG-3N batata.N
 “Eu vi que você comeu batata”

b. hrik ʔnaɲ[CP [C ka [IP kaw kaɲ tamatan arawet]]]]]

As estruturas negativas, cuja representação propomos em (53b), diferem das orações relativas e interrogativas de sujeito e de objeto pelo fato de nenhum de seus argumentos, seja ele sujeito ou objeto, se mover para a posição de Spec-CP. Na verdade, move-se para essa posição o operador de negação *ʔom*, o qual é gerado em uma posição mais baixa na estrutura. Pelo fato de construções desse tipo não envolverem movimento de sujeito e de objeto para posições mais altas, realizam-se os paradigmas 2 e 3 de concordância verbal.

Portanto, diante do que foi apresentado nesta seção, pode-se afirmar que de fato as estruturas relativas, interrogativas e negativas são codificadas pelo preenchimento do núcleo de CP pela partícula *ka*. Ademais, essas construções compartilham o mesmo tratamento dado aos seus argumentos. Em suma, sujeitos de predicados nucleados por *ka* participam do processo de concordância verbal com o paradigma 2, quando não realizam movimento para fora do IP, e acionam o paradigma 1, quando se movem para a posição de especificador de CP. O objeto, quando não se move para Spec-CP, desencadeia concordância por meio do paradigma 3. Essa análise encontra consonância com a proposta teórica de Kayne (1994), segundo a qual os sintagmas nominais aos quais as orações relativas se referem devem ser gerados no interior dessas construções e, posteriormente, movidos para a posição de especificador de CP, onde realizam também concordância de gênero em C°.

5. Considerações finais

Neste trabalho, tivemos por objetivo descrever e analisar teoricamente as estruturas relativas, interrogativas e negativas na língua falada pelos Oro Waram e Oro Waram Xijein (família Txapakura). Em termos descritivos, nossa motivação para uma análise comparativa é que essas três construções compartilham algumas propriedades gramaticais que justificam uma análise teórica unificada para essas sentenças, a saber: (i) preenchem fonologicamente o núcleo de CP com a partícula *ka*; e (ii) apresentam o mesmo comportamento sintático na codificação de seus argumentos nucleares. Para tanto, assumimos essencialmente a proposta de Kayne (1994) e Bianchi (1999, 2000) para as orações relativas, em que, por um lado, o CP relativo é projetado como complemento de D° e, por outro, o sintagma nominal modificado pela relativa é gerado no interior dessa estrutura. Assumimos ainda que essa mesma análise se aplica às estruturas interrogativas e negativas, exceto pelo fato de o CP interrogativo e o CP negativo não serem selecionados por um D° externo.

No que diz respeito à codificação dos argumentos da predicação nucleada por *ka*, de modo geral, o paradigma 1 é engatilhado no contexto em que o sujeito da oração relativa e interrogativa move-se para a posição sintática de especificador de CP. Nossa hipótese é que a

concordância, na verdade, deve se realizar em uma posição sintática intermediária, possivelmente em IP. No entanto, quando o sujeito não realiza esse movimento, como ocorre nas estruturas negativas, relativas de objeto e interrogativas de objeto, realiza o paradigma 2, que indica uma concordância com o sujeito em uma posição mais baixa na derivação. O objeto sintático, por sua vez, engatilha o paradigma 3 no contexto em que permanece em uma posição sintática mais baixa na estrutura, possivelmente dentro do VP ou na borda da fase de vP . Quando ele se move para fora desse domínio, mais precisamente para CP, em contextos de orações relativas e interrogativas, não fica mais disponível para concordância no domínio mais baixo.

Um fato que nos chama bastante atenção é a diferença dos traços gramaticais dos paradigmas 1 e 2, que codificam os sujeitos sintáticos. Pode-se notar que o paradigma 1 apresenta um único marcador para a 3ª pessoa do singular, a saber: *na*. O paradigma 2, no entanto, apresenta três formas para a 3ª pessoa, a saber: *kaʔ* para masculino, *kamaʔ* para feminino e *ne* para neutro. Nesse sentido, pode-se notar que o paradigma 1 codifica pessoa e número, ao passo que o paradigma 2 codifica pessoa, número e gênero. Esse comportamento do paradigma 2 o aproxima, em termos de traços, ao paradigma 3 de objeto, que também apresenta três formas para a 3ª pessoa, a saber: {-*on*} para masculino, {-*am*} para feminino e {-*n*} para neutro. Uma hipótese que pode ser aventada para explicar esse comportamento do paradigma 2 de sujeito análogo ao paradigma 3 de objeto poderia ser formulada nos seguintes termos: o traço de gênero, para a 3ª pessoa, é um expediente formal disponível apenas no nível mais baixo na derivação sintática. Assim, sujeitos e objetos não movidos para posições sintáticas mais altas são alvo de um núcleo do domínio funcional mais baixo apto a concordar em pessoa, número e gênero, por meio dos paradigmas 2 e 3. Sujeitos e objetos movidos, por outro lado, não estão disponíveis para estabelecer concordância nesse nível sintático. Ademais, sujeitos e objetos movidos se diferenciam durante o processo derivacional, uma vez que sujeitos alçam a uma posição sintática intermediária, possivelmente Spec-IP, onde engatilham o paradigma 1, ao passo que o objeto não realiza esse movimento intermediário. Em suma, a nosso ver, uma análise formal nesses termos é suficiente para captar esse comportamento formal do paradigma 2 análogo ao paradigma 3, quanto à presença do traço de gênero, embora outras análises teóricas possam também ser propostas.

Por fim, mostramos ainda, neste trabalho, que o núcleo de CP é sensível aos traços gramaticais dos elementos que ocupam sua posição sintática de especificador. Quando há um sintagma nominal com os traços de gênero masculino ou feminino, como ocorre em algumas orações relativas e interrogativas, o núcleo C° é instanciado pela partícula *ko*. Quando há um sintagma nominal com traço de gênero neutro, como em algumas relativas e interrogativas, ou

quando não há realização de nenhum sintagma nominal nessa posição, como ocorre nas completivas e nas negativas, realiza-se em C^o a partícula *ka*.

Referências

- ANGENOT, Geralda de Lima. *Description phonologique, grammaticale et lexicale du moré, langue amazonienne de Bolivie et du Brésil*. Porto Velho: EDUFRO, 2001.
- BIANCHI, Valentina. The Raising Analysis of Relative Clauses: A Reply to Borsley. *Linguistic Inquiry*, v. 31, n. 1, Winter, p. 123-140, 2000.
- BIANCHI, Valentina. *Consequences of antisymmetry: headed relative clauses*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999.
- CHOMSKY, Noam. On Wh-Movement. In: CULICOVER, P. WASOW, T. & AKMAJIAN, A. (Eds.). *Formal syntax*. New York (NY): Academic Press, 1977. p. 71-132.
- CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Foris: Dordrecht, 1981.
- COMRIE, Bernard. *Language universals and linguistic typology: syntax-morphology*. 2nd ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1989
- CREISSELS, Denis. *Syntaxe générale: une introduction typologique 2*. Paris: Lavoisier, 2006.
- EVERETT, Daniel L.; KERN, Barbara. *Wari': The Pakaas Novos Language of Western Brazil*. London: Routledge, 1997.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: an introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2001. v. 1.
- KAYNE, Richard. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge (Mass): The MIT Press, 1994.
- MEIRELES, Denise Maldi. *Os Pakaas-Novos*. 1986. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 1986.
- PAYNE, Thomas E. *Describing Morphosyntax: a guide for field linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- RAMIREZ, Henri. Etnônimos e topônimos no Madeira (séculos XVI-XX): um sem número de equívocos. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 2, n. 2, p. 13-58, dez. 2010.
- SHOPEN, T. *Language typology and syntactic description: clause structure*. New York: Cambridge University Press, 1992. v. 1.
- WHALEY, Lindsay J. *Introduction to Typology: the unity and diversity of language*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1997.